

REVISTA RETRATOS

Volume 1

3ª EDIÇÃO

“A gente incentiva eles dia após dia a não desistirem. Fácil não é para nenhum, mas que não desistam!”

“O desafio maior é lidar com o dinheiro e manter o negócio, com tantos custos subindo e o retorno diminuindo”

“Às vezes florecemos onde Deus no planta. Pensei em desistir por causa da saúde, mas encontrei força na universidade.”



SUMÁRIO

3.

Carta ao
leitor

5.

9.

13.

19.

23.

27.

31.

35.

CARTA AO LEITOR

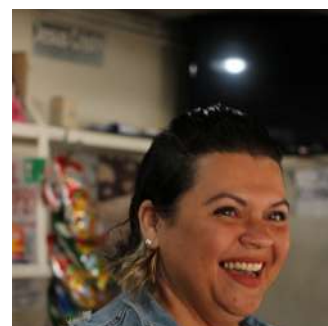
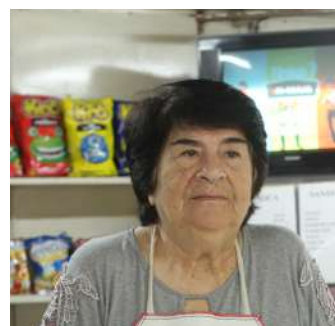
Por Maykon Santos e Natanael Alves

No vai e vem diário dos corredores da universidade, entre aulas, estudos e encontros, há presenças que fazem parte da rotina sem, muitas vezes, receberem o devido reconhecimento. São os trabalhadores das lanchonetes, copiadoras e pequenos comércios que, com dedicação e constância, alimentam não apenas o corpo, mas também o funcionamento cotidiano da vida acadêmica. Esta edição da revista volta o olhar para esses profissionais e para os processos que envolvem a permanência, a regularização e os desafios enfrentados por quem trabalha nesses espaços dentro da UEPB.

O conteúdo que apresentamos a seguir propõe uma imersão no cotidiano daqueles que passam despercebidos na dinâmica universitária, mas que exercem um papel essencial: os trabalhadores de lanchonetes e comércios instalados no Campus I da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). São eles que alimentam a rotina de estudantes, professores e servidores,

oferecendo desde o café que desperta até a refeição que sustenta as longas jornadas acadêmicas. É evidenciada não apenas a presença física desse vários e vários estabelecimentos internos e externos à Central de Aulas, mas também os desafios enfrentados por seus gestores e trabalhadores. Poliana Xavier, pró-reitora de Gestão Administrativa da UEPB (PROAD), explica os bastidores da permanência e funcionamento desses comércios: “a ausência de contratos formais, a falta de padronização na ocupação dos espaços, a necessidade urgente de regulamentação e, sobretudo, o esforço da atual gestão em garantir um processo justo e legal para todos os envolvidos”.

De acordo com a pró-reitoria, atualmente existem 8 espaços internos e cerca de 5 a 6 trailers externos apenas na Central de Aulas, com números ainda sendo atualizados em outros centros da universidade, do que são chamados os espaços onerosos. Mesmo sem dados precisos sobre a quantidade exata de traba-



lhadores envolvidos, é inegável dizer que essas atividades exercidas ali sustentam diversas famílias e se tornaram parte integrante da vida universitária.

A PROAD nos revela que grande parte desses estabelecimentos dos barraqueiros opera sem contratos formalizados ou critérios padronizados de ocupação atualmente, sendo resultado de uma ocupação histórica anterior à normatização vigente. A partir desse diagnóstico, a gestão universitária vem adotando medidas com base na Lei no 14.133/2021, nova legislação de licitações e contratos administrativos, especialmente o artigo 76, que permite a regularização de ocupações já consolidadas por meio de concessão onerosa de uso. Segundo a reitora, Poliana, o levantamento e regularização legal desses espaços está em andamento desde o início de fevereiro de 2025 e deve ser concluída até o início do semestre letivo 2025.2.

O processo de regularização tem como premissa o respeito à realidade consolidada, evitando prejuízos tanto para os comer-

ciantes quanto para a comunidade acadêmica que se beneficia diretamente desses serviços.

A administração superior atua na formalização dos trâmites legais, como a elaboração dos termos de referência e minutas contratuais, enquanto os centros acadêmicos, responsáveis diretos pela gestão dos espaços, permanecem como interlocutores fundamentais diante da definição de todas as necessidades específicas de cada unidade. Ao reunir informações administrativas e refletir sobre o papel dos trabalhadores que atuam nos espaços comerciais da universidade, esta publicação busca contribuir para a construção de um olhar mais atento e sensível à presença desses profissionais no cotidiano acadêmico. Trata-se de reconhecer que, por trás da prestação de serviços, há histórias, vínculos e responsabilidades que sustentam a vida universitária em suas múltiplas dimensões.

Wesley Porto:

Um legado impresso na UEPB

Por Jean Júnior, Ana Diamantino e Emily Piano

Com um sorriso fácil e uma rotina puxada, Wesley Porto, 37 anos, é mais do que o rosto por trás de uma das copiadoras mais conhecidas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Ele é parte da paisagem universitária: um ponto de apoio, um ombro amigo e, para muitos, um quase psicólogo nos momentos de tensão acadêmica.

Recentemente, essa rotina foi interrompida por um episódio que jamais caberia no compasso habitual do campus: Wesley sobreviveu a um ataque a tiros dentro da própria copiadora ao tentar proteger seu amigo. O que poderia ter calado sua presença se transformou em um novo silêncio — mais denso, mais cauteloso — mas isso não o fez recuar ou se esconder. Entre máquinas que voltam a rodar e páginas que voltam a circular, ele permanece firme, presente, ainda que o susto insista em voltar.¹

1. Em 3 de abril de 2025, Keine Diniz foi morto a tiros dentro da copiadora na UEPB a qual era sócio de Wesley Porto, que também estava no local e foi atingido por um disparo ao tentar proteger seu amigo. A motivação do crime foi passional, segundo a Polícia Civil.

Desde 2002 atuando na UEPB, Wesley dá continuidade ao legado do pai, Wellington Porto, que está na UEPB desde 1993. Juntos, formam uma história de trabalho duro, dentro de um empreendedorismo familiar e vínculos afetivos com gerações de estudantes e professores. Apesar dos desafios da infância marcada pela separação dos pais, foi criado pelos avós com muita atenção, amor e carinho. Aos 10 anos, passou a acompanhar a mãe em uma juventude itinerante, “Quando eu tinha uns dez anos de idade, eu fui morar um pouco com minha mãe, foi quando eu rodei o país por 3 anos, morei em Rondonópolis, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, mas sou muito apegado à minha família e voltei para cá”, por sempre valorizar os laços familiares paternos e sentir muita saudades, optou assim por voltar a morar com seus avós, trazendo na bagagem a memória de muitas



viagens e teve, por fim, a certeza de onde queria estar.

Após seu retorno, desde cedo viu a importância de uma carreira para seguir profissionalmente, em 2002, aos 14 anos já começou a acompanhar os passos do pai ao ajudar e participar da copiadora, ali dando início ao que se tornaria sua profissão até os dias de hoje, o que contrastava com seus desejos da época, se tornar jogador profissional de futebol.

Com sua paixão pelo esporte, se dedicou arduamente na carreira e após seu retorno para Campina Grande, chegou a ser jogador da base do Treze Futebol Clube, ironicamente seu time rival, já que é torcedor vivido do Campinense Clube, que juntos formam a nona rivalidade mais famosa do país, o Clássico dos Maiorais. Aos 16 anos, uma grave lesão na perna encerrou seu sonho de ser jogador de futebol. O incidente mudou sua rota, aproximando-o ainda mais da copiadora e ao perceber que sua vocação poderia estar ligada à educação, mesmo que de forma indireta. Posteriormente concluiu o curso técnico de informática, mas foi no ambiente universitário, entre impressoras e umas e várias outras encadernações, que Wesley encontrou seu espaço.

Dando, deste modo, conti-

nuidade ao trabalho junto ao seu pai, passou por diferentes prédios até chegar onde está hoje, tudo teve início no CEDUC I localizado no bairro Catolé, até se mudarem para o CPUC e posteriormente chegar à Central de Aulas, onde em 2016, fundou sua própria copiadora dentro da universidade. Após muitos anos ao lado do seu pai, decidiu que era hora de tomar seu próprio rumo e encarar frente a frente e sem medo uma nova fase em sua vida.

Nesse momento, que foi evidentemente crucial, começou a expandir os seus negócios gradativamente e a partir disso começou a ter reconhecimento em todo o ambiente universitário por conta de seus diversos serviços gráficos prestados, atendendo a diversas demandas, recebendo inclusive convites de professores para colocar uma filial na CES-REI, que se concretizou em 2017 e perdurou até o final de 2019, fechando após três anos devido a chegada da pandemia, único momento em que trabalhou fora da copiadora, ficando na sede do Colégio Lourdinhas até 2023, como auxiliar administrativo. Retornou, no ano de 2024 para ajudar o pai, dessa vez unindo forças e ampliando projetos de expandir os negócios para o mercado gráfico também.



Com uma rotina que começa das 6:00 às 21:20, Wesley Porto segue firme no compasso acelerado da vida universitária. São mais de 14 horas diárias entre impressões, conversas e atendimentos, cobrindo os três expedientes da UEPB. Muitas vezes, a correria é dividida com a presença dos filhos, que o acompanham entre um turno e outro, tornando a copiadora quase uma extensão do lar. Apesar do cansaço que se acumula, Wesley encontra sentido em cada diploma impresso, em cada tese finalizada. “É prazeroso ver a felicidade deles ao apresentar o TCC, conquistar uma boa nota, voltar para o mestrado ou doutorado”, conta com brilho nos olhos, como quem também colhe vitórias silenciosas a cada ciclo encerrado pelos alunos.

Ao seu lado nessa jornada está Tharjara Porto, sua esposa com quem compartilha uma história construída ao longo de 15 anos de convivência e 12 de casamento. Juntos, edificaram um lar onde o afeto, o respeito e a parceria caminham de mãos dadas. Wesley é pai de Ana Letícia, de 16 anos, fruto de um relacionamento anterior, e também de Pedro George, de 10 anos, e Henry Gustavo, de 6, filhos do amor construído ao lado de Tharjara. Cada um deles representa um capítulo especial em sua vida, marcado por descobertas

aprendizados e o compromisso diário de ser presença e referência.

Mais do que copiar páginas, Wesley coleciona histórias. É confidente, conselheiro e testemunha de momentos decisivos na vida acadêmica de centenas de estudantes. Com sua escuta atenta, transforma angústias em acolhimento, e pequenas conversas em laços duradouros. Fora do ambiente universitário, o futebol segue como paixão, agora vivida em família. Nas horas de lazer, veste chuteiras ao lado dos filhos, incentivando cada um a explorar seus próprios caminhos: seja nos jogos eletrônicos, na tecnologia ou nas inocentes descobertas mágicas da infância. Entre o barulho das máquinas e os silêncios cúmplices do dia a dia, ele vai construindo um legado que mistura trabalho e amor, suor e cuidado — uma história que segue sendo impressa, página por página, nos corredores da UEPB.



Andreia Coleguinha

“Pensei em desistir por causa da saúde, mas encontrei força na universidade. Foi aqui que cresci e fui acolhida” – conheça a história de superação de Andreia.

Por Maria Eduarda do Carmo, Rayanne Silva e Ramon Salles

Há quase quatro décadas, Andreia Nunes da Silva constrói sua história na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) como muito mais do que uma comerciante: ela é um símbolo de acolhimento, resistência e força de vontade. Aos 48 anos, natural de Campina Grande, Andreia viveu quase toda a sua vida dentro da universidade, tornando-se um elo afetivo entre gerações de estudantes e professores. Sua trajetória, marcada por desafios e recomeços, é uma herança viva do comércio familiar que atravessa o tempo, guiada pela fé e pelo amor ao que faz.

Filha de comerciantes pioneiros no campus, Andreia cresceu atrás do balcão, entre salgados, caldo de cana e os desafios de sustentar uma família com dignidade e esforço. O ponto inicial era uma barraca simples, montada em frente ao prédio de Biologia, no antigo terreno de terra batida do CCBS.

Ali, ainda criança, Andréia e seus irmãos dividiam o tempo entre o trabalho e os estudos, muitas vezes sacrificando os cadernos para garantir o pão de cada dia.

Com o tempo, a UEPB passou por melhorias estruturais e, acompanhando esse crescimento, a universidade pediu que os comerciantes substituíssem as barracas por trailers. A mudança trouxe esperança, mas também desafios: um incêndio consumiu o trailer da família em uma noite inesperada. “Estávamos em casa quando recebemos a notícia. Era o sustento da nossa família sendo destruído”, relembra Andreia. No entanto, o que poderia ter sido o fim revelou-se um momento marcante de solidariedade. Alunos, professores e antigos clientes se uniram em uma rede de apoio: pagaram dívidas, doaram valores a mais, estenderam mãos e corações.



“*A Universidade faz parte da minha vida.*”

Em meio à reconstrução, vieram também provas pessoais. Em 1996, Andreia recebeu o diagnóstico de um tumor raro no joelho e teve que pausar sua trajetória para enfrentar uma dura batalha pela vida.

Foram três anos sem andar, mas foi justamente na universidade, onde sempre plantou amor, que colheu afeto em sua fase mais delicada. Fez fisioterapia no campus e, mesmo em cadeira de rodas, visitava a praça de alimentação para reencontrar os estudantes e docentes que tanto lhe faziam bem. Era recebida com carinho por todos. “Recebi muitas cartas, orações e carinho. Isso me deu forças para continuar”, lembra. Durante o tratamento, precisou interromper os estudos. Já adulta, decidiu retomar a educação formal após a recuperação e concluiu o ensino mé-

Após sua recuperação, a vida seguiu. A irmã casou, retornou mais tarde, e a parceria continuou. Juntas, ficaram conhecidas carinhosamente como “as coleguinhas”, apelido nascido da forma afetuosa com que chamavam os clientes. Em 2014, Andreia fundou a “Coleguinha Net”, inicialmente uma loja de impressões e serviços de xerox. No entanto, com a chegada da pandemia, a digitalização dos serviços acadêmicos reduziu drasticamente a procura por impressões. Hoje, é uma lojinha de acessórios. Em 2016, veio a sorveteria “Açaí das Coleguinhas”, ampliando o atendimento aos frequentadores da UEPB e da sorveteria que ela retira o sustento.

Ela poderia ter seguido outros caminhos, mas escolheu permanecer ali, no lugar onde encontrou apoio e onde também pôde oferecer cuidado. Muitos alunos a consideram parte essencial de suas jornadas. Alguns a chamam carinhosamente de “mãe de leite”, por tudo que já ofereceu com afeto.



Entre 2023 e 2024, Andreia enfrentou mais um desafio: sua irmã, Andreza, sofreu um AVC. Foi um período difícil para toda a família, porém, mais uma vez, a Universidade Estadual da Paraíba estendeu a mão, oferecendo apoio e sessões de fisioterapia. Andreza segue em recuperação e continua ao lado da irmã na lanchonete, enquanto cria seus dois filhos.

Apesar dos obstáculos, a família manteve seus comércios abertos. A universidade sempre reconheceu essa trajetória e retribuiu com apoio e um grande acolhimento. Alunos passam para se despedir, tirar fotos e até apresentar seus filhos — gestos que demonstram que o carinho plantado ao longo do tempo continua florescendo. O crescimento da universidade trouxe melhorias, e a história da família é marcada por superação. Servir é um ato gratificante, mesmo que nem sempre venha acompanhado de reconhecimento.

“Às vezes florescemos onde Deus nos planta. Pensei em desistir por causa da saúde, mas encontrei força na universidade. Foi aqui que cresci e me senti acolhida”, afirma Andreia. Sua trajetória é um verdadeiro testemunho de que, mesmo diante das adversidades, é possível resistir e florescer apesar de tudo.

O espaço, que um dia simbolizou o esforço da família de Andréia, hoje segue vivo pelas mãos de sua irmã mais nova, Andreza, responsável, atualmente pela lanchonete da família. Juntas, as irmãs mantêm três pontos na praça de alimentação da UEPB, preservando um legado construído pelas gerações anteriores e reafirmando sempre os laços com a comunidade universitária. O que antes era apenas uma barraca simples, transformou-se em uma rede familiar de trabalho, afeto e resistência.

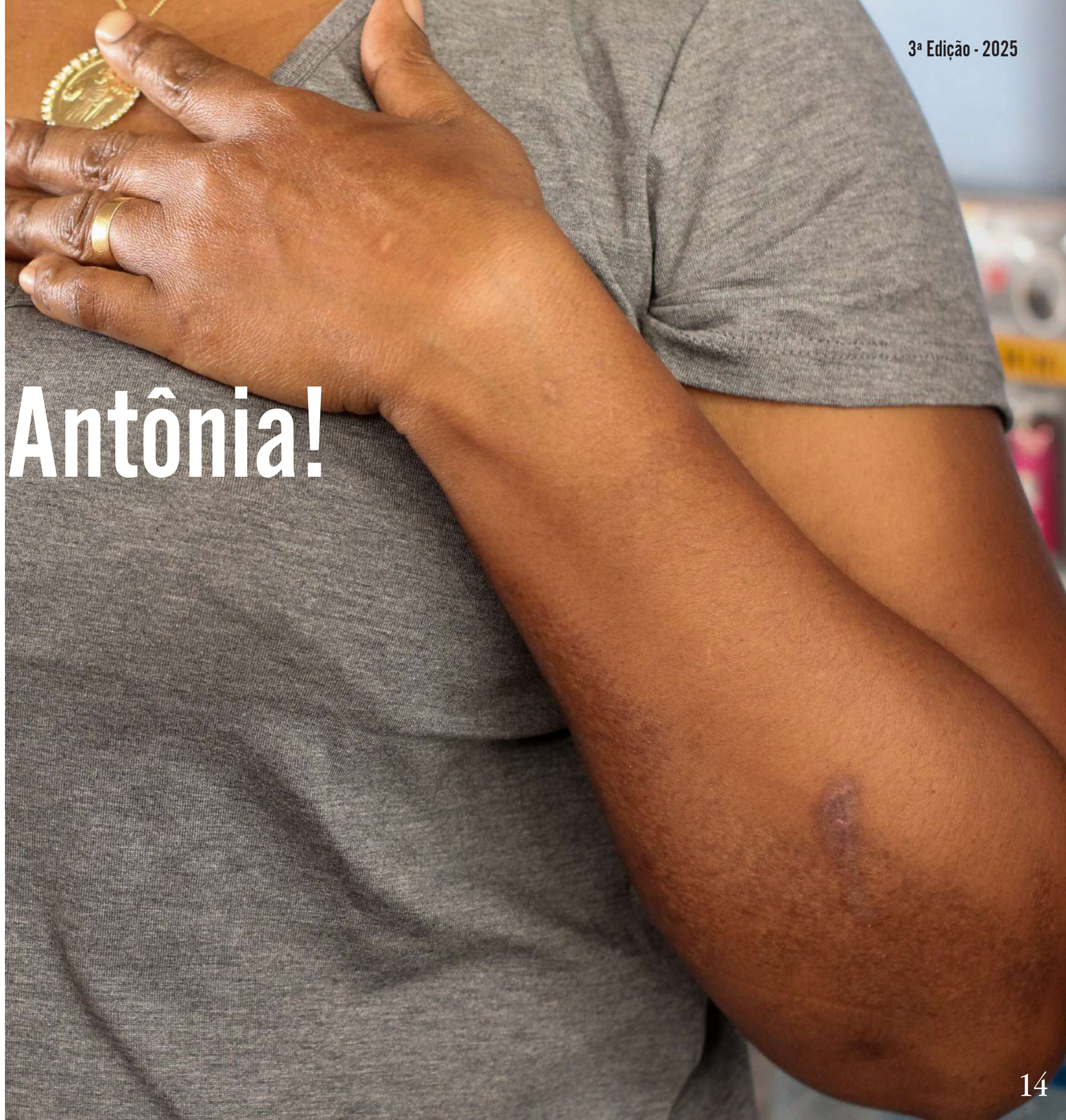
Por trás dos olhos de quem não vê eu sou Antônia!

Movida pela fé, a trajetória de Antônia é feita de resistência, coragem e amor que superam o fogo e o preconceito.

Por Anderson Ramos, Emilly Fernandes, Helena Beatriz,
Jeslane Braz e Leticia Falcão.

Antônia Genora dos Santos, mais conhecida como Toinha, nasceu em Boa Ventura, na Paraíba, e veio para Campina Grande ainda criança, junto com o pai, suas irmãs e a mãe de criação, sua avó. Ela vem de uma família com nove irmãos e afirma que, mesmo com a distância e a vida corrida que levam, todos procuram manter contato. A distância entre São Paulo e o município paraibano é de mais de dois mil quilômetros, mas, no coração de Antônia, eles estão sempre por perto.

Apesar de não ter memórias tão vívidas da época, Toinha conta que, com aproximadamente cinco anos, quando já estava em Campina, seu pai e sua mãe biológica se separaram e, a partir desse momento, foi criada por sua avó. No momento da realização desta entrevista, a sua mãe biológica ainda estava viva, e Toinha falou um pouco sobre sua relação com ela: “A minha mãe biológica, ela é viva, mas eu não tenho nenhum contato com ela, não. Porque minha mãe, pra mim, é a minha avó.”





“Foi a mãe do meu pai que me criou, é a pessoa que eu tinha como mãe, que me considerava como filha, também já se foi. Não se encontra mais entre a gente.” Durante a sessão fotográfica para o perfil de Antônia, ela recebeu a notícia do falecimento de sua mãe biológica. Apesar do impacto que sentiu, por ser uma mulher de muita fé, Toinha acredita que tudo aconteceu conforme a vontade de Deus e que não havia muito o que fazer. Se dependesse dela, trocava sua vida pela dela, pois, apesar de tudo, ainda era sua mãe. A avó de Toinha faleceu com 100 anos e 6 meses, a partir do seu trabalho ela conseguiu que ela vivesse com qualidade de vida, e se orgulha muito disso, pois conseguiu retribuir o amor que sua avó tanto a deu.

“Eu tenho a melanina mais forte do que a sua, meu cabelo mais fino do que o seu. E ninguém é diferente de mim. A única coisa que você tem mais do que eu é o dinheiro. Foi assim que fui educada, e é assim que eu tenho orgulho do que sou.”



“Eu sempre brinco que sou a mulher mais privilegiada que existe. Fui criada por pessoas que eu senti esse amor. Minha vó, então, nem se fala. Meu pai, quer dizer, foram pessoas que sempre me deram o maior carinho do mundo. E eu acho que a gente, como filhos, quer

dar o melhor para os nossos pais.” Em Campina Grande, Antônia também foi criada por uma família de classe média, e afirma que aprendeu com a família de criação que era igual a todo mundo, sem distinção.” Apesar de seu empoderamento e a evolução do tempo, Toinha afirma que ainda encontra barreiras, por causa de sua cor. Até hoje, o seu comércio é um

exemplo disso, ela conta que as pessoas falam apenas com Valério (seu marido e parceiro de vida) e poucos se dirigem à própria. Mas, conta que esses empecilhos não a abalam, pois ela sabe quem é e entende que o problema não está nela, e sim nas pessoas. Além disso, destaca que tem muito orgulho da sua cor e que não é

a melanina que diferencia se ela é uma pessoa ruim ou boa. Toinha, vê o racismo de algumas pessoas contra ela, e relata que no início, ficava com muita raiva e acabava discutindo. Toinha também conta um episódio em que estava no mercado fazendo

“Fui questionada na feira porque eu estava com três carrinhos. Eu fiquei... Eu não posso? Eu não tenho esse direito? Só quem pode é o branco fazer feira? Eu trabalho, eu tenho um direito. Então, eu estou na fila, é direito meu, se eu estou demorando, é direito meu”. Para Antônia, o trabalho, além de sustento, também sempre foi uma forma de ocupar um espaço na sociedade.

a feira, e as pessoas começaram a ridicularizá-la. Desde jovem, Toinha começou a trabalhar. Ela sempre se lembra de uma frase que sua tia dizia pra ela “Vou lhe dar de tudo, mas também vou lhe ensinar a fazer tudo”. Foi nesse tempo que ela começou a desenvolver seu lado comerciante, algo que parece já estar no sangue.

Desde cedo, a trajetória da família foi marcada pelo comércio, o pai sempre trabalhou como comerciante na cidade de Boa Ventura, e esse espírito empreendedor se estendeu também a um irmão de consideração. Sobre sua adolescência, Toinha diz que viveu de forma livre e fazia o que queria, “A minha fase de adolescência foi super boa. Acho que como todo adolescente. Sempre fazendo o que queria, mas sempre trabalhei!”, desde os 15 anos ela começou a trabalhar e precisou fazer isso para entender o valor do que conquistava. Apesar de ter sido criada por uma família de boas condições, Toinha sempre foi educada a valorizar tudo o que tinha e a

lutar pelo que desejava. Ao longo de sua linda trajetória, ela demonstrou garra e força de vontade, passando por diversas fases e exercendo diferentes profissões, Antônia trabalhou como babá, lavadeira e, até hoje, continua preparando suas marmitas para vender.



“Eu lembro que eu falei Mãe, Jesus, meu Deus, e olhei para cima e tinha um burquinho, uma espécie de janela que todo dia a gente abria no telhado”, foi quando ela conseguiu sair por essa janela e os bombeiros a tiraram do meio do fogo.

Em 8 de agosto de 2019, Antonia viveu uma experiência que nunca imaginou passar, a mangueira do botijão de gás do fogão de seu comércio soltou e a panela estava no fogo, isso aconteceu enquanto ela preparava o cardápio do dia seguinte. Toinha se viu naquela situação e conta que ficou recuada dentro da barraca pois em todas as saídas havia fogo, ela tentou não se apavorar porque sabia que não podia inalar fumaça. Foi sua fé que a manteve sã e firme naquele momento.

Toinha mostra suas cicatrizes das queimaduras deste dia 8 de agosto e conta que não tem vergonha delas, pois formam quem ela é. Nessa época, contou com a ajuda dos alunos, dos professores, funcionários da UEPB e pessoas conhecidas, que ajudaram a reerguer o comércio. Hoje, aos 54 anos, Toinha conta que sonha em abrir um ponto fora da UEPB. “O único sonho que tenho e talvez consiga realizar antes de morrer, é esse.

Mas gostaria de manter o ponto da universidade, porque há alunos que realmente precisavam de um preço mais acessível, e a gente oferece produtos que, fora daqui, são bem mais caros.” A comerciante afirma que, se tivesse condições, manteria o local funcionando também nos dias em que a cantina da universidade não abre, para que as pessoas pudessem desfrutar dos dois espaços ao mesmo tempo.

Com a pandemia, a cantina precisou fechar as portas, no dia 17 de março, e o que ela esperava que fosse apenas uma semana, acabou se tornando quase um ano.

Neste momento, Dona Antonia se viu precisando fazer bico em um restaurante para manter o estabelecimento e os equipamentos que haviam comprado após o incêndio. Com uma jornada de trabalho exaustiva, Toinha ia de um lugar para o outro, trabalhando também em diferentes horários para

cobrir o prejuízo. No mesmo período a UEPB começou a retornar com algumas atividades, revezando entre os funcionários que iam à Instituição, separando por grupos e dias, para que não houvesse paralisação total. O que fazia com que o dia a dia se tornasse ainda mais corrido, mas Antonia já estava acostumada com a correria, sempre foi uma mulher batalhadora e não conseguia ficar parada esperando algo cair do céu.

Atrevimento ou coragem? Para uma mulher, preta e pessoa jurídica, cenários diários podem se tornar lutas constantes, Antonia é coragem, sem medo de ir atrás do que quer e de como tem que conquistar, porque tudo quando feito com dignidade rende um futuro lindo de colheita. Ela enche o peito para falar a quem quiser não só ouvir, mas escutar “Você tem que lutar pelo o que quer, que consegue, agora sem pisar em ninguém.”

Entre lanches e milagres: A vida de Vandilma Lúcia

Por Ítalo Fellipi, Gerailson Lúcio e Pietra Santos

Por trás de uma barraca simples, mas cheia de afeto, nos arredores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), está uma mulher de olhar doce, carismática e de uma fé que não se abala. Vandilma Lúcia Oliveira Silva Alves não é apenas vendedora de lanches, mãe, esposa, filha, — é protagonista de uma trajetória marcada por trabalho árduo, superações e milagres.

Nascida em 1º de novembro de 1985, em Campina Grande (PB), cresceu em um lar modesto, mas acolhedor, ao lado dos pais e da irmã. O pai, também comerciante, vendia de tudo um pouco para garantir o sustento da família. "Comecei a trabalhar com meu pai no Parque do Povo quando tinha uns 10 anos. Ele era um homem

sempre doente — só tinha 30% de um pulmão funcionando por causa de uma asma —, mas nunca deixou de batalhar. Lembro que, mesmo cansado do trabalho, ele sempre trazia espetinho, milho, algodão doce e o que eu mais amava: maçã do amor. Hoje, vendo tudo que ele vendia, menos bebidas e cigarro", relembra com um brilho nos olhos que resgata a infância com ternura.

Determinada desde cedo, ainda adolescente começou a vender biscoito e ímãs de geladeira para não depender do pai. Aos 15 anos, noivou, e em seguida, casou-se com Márcio José da Silva Alves, seu primeiro namo-

rado - 8 anos mais velho. "Tudo na minha vida aconteceu muito cedo, inclusive meu relacionamento. Terminamos e voltamos várias vezes por conta que minha mãe achava que ele só queria me enrolar. Casamos em 2005, e como sempre sonhei com uma família nunca deixei de batalhar pelos meus sonhos", relembra. A barraca, intitulada de "Bacanas Lanches", que no início da sua trajetória de comerciante era localizada na antiga Central de Aulas - CEDUC 1, era mais do que uma fonte de renda: o espaço se tornou extensão de sua vida. sua própria um ano depois.



Por oito anos ali, construiu relações e clientes fiéis, até que em 2013, mudou-se para a nova sede da universidade. A mudança, no início, não foi fácil. “Foi muito difícil mudar. Eu e meu marido resistimos muito, porque não entramos logo na nova Central de aulas. Daí tive a ideia de trazer um trailer com reboque e coloquei pertinho da faculdade. Comprei com a ajuda do meu pai. Foi uma luta, como sempre foi, mas não desistimos. Já são 12 anos aqui fazendo meu pão de cada dia”, relembra cheia de orgulho.

Entre coxinhas, bolos e cafés quentinhos, Vandilma oferece mais do que lanche: oferece cuidado. Atende estudantes, professores e funcionários como quem acolhe amigos. Muitos, aliás, a convidam para eventos pessoais — aniversários, casamentos, apresentações de TCC.

“Recebo muitos convites, e fico muito feliz com isso. Me sinto uma mãezona para muitos deles. Dou conselhos, às vezes levo bronca também. Tenho um relação muito bacana com os alunos. Vi eles crescerem e se tornarem professores, doutores... levo todos no coração, meus bichinhos, ao longo de 20 anos nesse ramo. Já fui assistir a vários TCC de alunos que me convidaram [...] fico feliz como se fosse eu a apresentar. Conheci Nietzsche, Bauman ali [...] Apesar de ter apenas a oitava série - repetidas várias vezes, devido ao déficit de atenção -, sonhei um dia fazer o curso de Le-

brilhando de entusiasmo.

Embora sua correria do dia a dia fosse o suficiente para lhe preocupar, Vandilma ainda esperava por um milagre, pois era seu sonho ser mãe. “Fui para a maternidade procurar fazer um exame para ver o que era, para ver esse sangramento, aí fizeram um beta. [...] Eu acho que eu não tô grávida não... Eu ficava agoniada no ouvido do Senhor... eu vou parar, não vou mais pedir. 15 anos e nada, não é agora que vai vim, porque os médicos suspeitavam de aborto. Eu fui com esse pensamento, poxa, tantos anos sem engravidar e quando eu engravidado eu já perdi. E quando eu fui no outro dia

“Só quero que meu filho um dia estude aqui. Não tenho muitas ambições. Adquiri diabetes e hipertensão do trabalho árduo. Não fico triste com isso [...]”

fazer ultrassom, escutei os batimentos cardíacos de João Vitor”, fala com a os olhos em lágrimas] Outro milagre marcante na sua vida foi quando sua mãe teve um infarto e ficou cinco minutos com o coração parado. “No ano passado, ela achava que era uma crise de gastrite, quando na verdade era um infarto. Foi aterrorizante vê minha mãe amarrada, em coma - mesmo que por um dia -, sem reconhecer a mim e minha irmã. Pior momento da vida. No Hospital de Traumas, ela precisou fazer dois cateterismos e uma angioplastia[...] Embora seja uma mulher complicada, difícil de li-

dar, vi, ali diante de mim, minha mãe quase perder a vida”, fala. Seu negócio é simples — uma barraca modesta, sem letreiros chamativos e redes sociais repletas de fotos —, mas ali se respira dignidade. E numa época em que o mundo corre depressa demais, lugares como o dela, e pessoas como Vandilma, parecem lembrar que o essencial ainda está nos gestos pequenos: um lanche quentinho, um sorriso sincero, uma escuta atenta. Entre o legado do pai, o amor pelo filho e a força da fé, Vandilma construiu sua história em silêncio, mas com impacto. demais, lugares como o dela, e pessoas como Vandilma, parecem

lembrar que o essencial ainda está nos gestos pequenos: um lanche quentinho, um sorriso sincero, uma escuta atenta. Entre o legado do pai, o amor pelo filho e a força da fé, Vandilma construiu sua história

em silêncio, mas com impacto.

A barraca na UEPB é apenas o cenário. O verdadeiro alimento que ela oferece está nas entrelinhas da vida que leva e compartilha com quem cruza seu caminho. Prometi a Deus que, se meu filho sobrevivesse, jamais tomaria refrigerante. Cumpro até hoje esta promessa. Na verdade mesmo, só quero que o comércio aqui melhore. Enfim, quero só viver com minha família, vender meus produtos aqui na minha barraca que, aliás, é minha terapia. Posso não ficar rica, mas aqui dou boas risadas”, finaliza essa entrevista com um sorriso no rosto.



Sem medo de (re)começar A história de Wilza Freitas

Por Bianca Albuquerque, Pedro Belo
Alice Araújo e Fernanda Neri

Wilza Maria de Oliveira Freitas dedica 30 dos seus 77 anos para empreender na Universidade Estadual da Paraíba. Ela se casou aos 17 anos, aos 18 teve seu primeiro filho e aos 22 se separou. Após essas mudanças, decidiu começar a trabalhar. Passou por várias lojas, abriu um restaurante e finalmente, chegou à UEPB. Atualmente seu trailer está localizado na Central de Aulas, sendo um verdadeiro ponto de encontro para profissionais e alunos de toda a instituição. Antes de se tornar a mulher forte que é hoje, ela teve uma infância sem muita liberdade para brincar. Se divertia apenas na calçada, com sua mãe sempre olhando pela janela. Cresceu e estudou até o segundo grau, e tinha um sonho guardado, o de um dia ser professora, mas acabou não se realizando. Casou jovem e mudou-se para Natal com o marido, mas esse casamento não deu certo, resultando na separação e na volta para casa com seu filho de apenas 10 meses. Essa reviravolta a fez começar a trabalhar no Hotel Ouro Branco.

Lá, trabalhando como recepcionista, conheceu diversos artistas e ídolos, como Roberto Carlos e Erasmo Carlos. Em 1970, teve que se mudar para o Rio de Janeiro com os pais, pois eles eram a sua única rede de apoio, e enquanto eles ficaram com seus filhos, Wilza ia trabalhar em uma loja de lustrês de luxo, onde ficou em primeiro lugar de vendas no primeiro mês de trabalho. Quando voltou para Campina Grande, em 91,



foi então que abriu um restaurante, mas devido ao fraco movimento, decidiu fechar e comprar um trailer ao lado do prédio de Psicologia, no campus da Universidade Estadual da Paraíba. Logo em seguida foi para o centro da cidade, onde os cursos estavam funcionando na época. Em 2012, assim que o prédio da CEDUC foi inaugurado, ela se mudou junto com seu trailer. Essa mudança trouxe algumas dificuldades com a administradora, que não queria permitir a presença dos comerciantes por lá, mas após algumas reivindicações, conseguiu a liberação da reitoria. Na Universidade, sua rotina se repete de segunda a sexta, acordando às 4h30, e começando antes mesmo das 7h.

Depois do almoço, ela vai para casa descansar, mas retorna às 14h00 para a segunda parte do seu dia, que rende um bom trabalho até às 21h00. Nos finais de semana ela encontra refúgio da correria semanal no seu sítio, localizado na cidade de Queimadas, distante cerca de 16km de Campina Grande. Lá, ela se divide entre o lazer e a fabricação das polpas de frutas que utiliza para a produção dos sucos que vende na lanchonete. Além dos sucos, ela mesma prepara parte das refeições vendidas, como a tapioca que é feita na hora e o bolo de milho.



Nesses quase 30 anos de universidade, muitos estudantes e professores marcaram a vida de Wilza. Ela lembra com carinho dos gêmeos Maurício e Maurílio, que os conheceu quando seu trailer ainda era localizado no prédio de Psicologia. Certo dia ela avistou uma ambulância saindo do edifício, que estava levando um dos gêmeos que havia desmaiado de fraqueza, devido a fome. Naturais de Catolé do Rocha, Maurício e Maurílio cursavam Química e Farmácia na UEPB e não possuíam rede de apoio na cidade, não tendo onde se alimentar e muito menos onde dormir.

Ao saber disso, Wilza decidiu ajudá-los, fornecendo almoço e jantar. Hoje, eles já estão formados, com uma vida estabilizada, e após anos, tiveram a oportunidade de falar com Wilza por vídeo chamada para conversar e agradecer por todo apoio. Wilza se sente realizada com a vida que leva e grata pela sua trajetória, mesmo com a perda de um dos seus filhos que faleceu prematuramente aos 26 anos, vítima de uma úlcera no esôfago. Apesar das adversidades ela se mantém forte, alegre e sempre disposta a ajudar o próximo.



Reinventar-se sempre

Por Maria Quitéria, Ian Oliveira e Emylle Costa

Igor Renan Xavier da Silva, de 31 anos, nasceu na zona leste de Campina Grande, na Vila Castelo Branco “Não troco minha terrinha por nada. Já morei também em São Paulo por sete anos e quatro anos em Belém do Pará, mas Campina é Campina. Não troco Campina por nada”.

Igor não conheceu o pai e foi criado pela mãe e pelos avós maternos. Ele descreve sua infância como “ma-ra-vi-lho-sa”, repleta de brincadeiras como pião, pipa, futebol e subir em pé de árvore, características de uma verdadeira infância raiz.

Ele foi para São Paulo com a mãe e, ao retornar para Campina Grande, passou a morar com os avós e o irmão mais velho. Tempos depois, Igor se mudou para Belém do Pará para viver com a mãe, que já residia lá há mais de cinco anos.

Seu sonho era ser jogador de futebol. Seis meses após se mudar para Belém do Pará, ele fez um teste para o Paysandu, um time de futebol local, e passou, jogando como goleiro nas categorias sub-14 e sub-15 por três anos e meio.

No entanto, ele não conseguiu seguir adiante no esporte,

mesmo estando muito focado. Isso porque, após o término do relacionamento da mãe com o padrasto, ela decidiu voltar para Campina Grande, e Igor, por consequência, não pôde continuar sua carreira no futebol.

Aos 17 anos, conheceu sua esposa, Cristiane, que já tinha uma filha de 3 anos que hoje tem 16, Kallyane, de um outro relacionamento. Juntos, tiveram mais duas filhas, Yorrana, de 10 anos, e Ysadora, de 4 anos, tornando-se pai de três meninas.

Igor atua junto a seu sócio como atendente na copiadora D' Copy, localizada no Centro de Ciências e Tecnologia (CCT) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), desde 2013. “Em 2012 eu vim para trabalhar com ele; fiz um teste, ele já tinha uma equipe grande e passei um ano com ele com carteira assinada.”

Após um ano, tornou-se sócio do dono da copiadora. Igor tomou gosto pela profissão observando o irmão, que já trabalhava na área, e agarrou a oportunidade assim que ela apareceu.

“Nunca tive medo de trabalhar, independente da função, sendo honesto”



Ele sempre gostou de trabalhar “Eu comecei aos 14 anos, mas antes dos 14 eu já gostava do meu dinheirinho. Aí eu fazia um bico aqui, outro ali; nunca tive medo de trabalhar, entende? Independente da função. Sendo honesto era o que interessava pra mim. A família era humilde, não podia ficar em casa, né?”.

Quando começou a trabalhar na copiadora, não tinha condições de se manter durante o período em que ela estava fechada. Por isso, precisou complementar sua renda com outras atividades, como vender bebidas em um ponto comercial no Parque do Povo, ser ajudante de pintor e, em outro momento, comprar ingressos na porta de eventos para revendê-los no dia da festa. Também realizava serviços de transporte.

Ele trabalha na copiadora de segunda a sexta, das 07:00 às 21:00

sempre acompanhando o calendário da UEPB, que proporciona no máximo 120 dias de trabalho.

Mudar de profissão é algo que já passou pela cabeça de Igor, mas como nunca teve nenhum tipo de problema com seu sócio, nunca parou para pensar em ter um comércio só seu. Sua única preocupação é ter dinheiro para manter a família.

Hoje ele e seu sócio pensam em abrir um comércio de celulares onde farão consertos, trocas e vendas. “A gente precisa ter esse trabalho externo para atender tanto os clientes de fora quanto os daqui.”

A relação de Igor com seus clientes é ótima; a copiadora até compra produtos pequenos de alunos para revenda como balinha de coco, empada, trufa e brownie. Isso ajuda os alunos a se manterem na universidade ou a complementarem a renda em casa.

No entanto, a fatalidade que ocorreu na UEPB no último mês de abril de 2025 abalou a saúde mental de todos. Essa tragédia levou a vida de um comerciante bastante conhecido no campus da universidade e deixou outro ferido com um tiro no ombro.

Igor lamenta profundamente o que aconteceu, visto que era amigo próximo do homem que ficou ferido. Apesar de não conhecer a vítima fatal, sente muito e também lamenta.

“O que está baleado, que a bala ainda está alojada, é muito amigo meu; a gente nasceu e se criou junto. É tanto que eu deixei tudo aberto aqui e fui até lá para tentar ajudar de alguma forma, mas tenho certeza absoluta que ele também faria isso por mim.”

Igor, assim como todos os alunos e funcionários, ficou abalado. Além disso, essa situação impactou as atividades de todos os comerciantes. Como Igor trabalha com pagamentos diários e com a venda de alguns produtos fornecidos pelos alunos, o mês de paralisação afetou muito o ritmo dos negócios.

Mesmo com essa interrupção, tiveram que voltar à copiadora para fazer a manutenção dos alimentos. “Foram só dois, três dias e o resto em casa mesmo, esperando a volta e também para se recuperar emocionalmente, né? Porque não foi fácil.”

Passar um mês sem atividade complica a situação financeira dos comerciantes da UEPB pois, se a universidade não funciona, eles ficam sem trabalhar. Por isso, Igor e seu sócio não podem firmar contratos com prazos longos, porque não sabem se amanhã irão trabalhar ou não.

“A gente incentiva eles dia após dia a não desistirem. Fácil não é pra nenhum, mas que não desistam.”



Empreendedor há mais de uma década na UEPB, Sérgio Ricardo conta sua trajetória de vida e trabalho na universidade

Por Karolayne Pereira, Stephany Madureira, Victória Lopes

Há 12 anos como proprietário de uma cantina dentro da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Sérgio Ricardo Freitas Matos, de 59 anos, compartilha sua história de vida, a relação com a família e os desafios de manter um negócio dentro do ambiente universitário. É um negócio de família, que se consolidou com base no trabalho conjunto e de incentivo por sua figura materna. Ele conta que há cerca de 20 anos, quando chegou do Rio de Janeiro para João Pessoa, sua mãe já estava há 37 anos na UEPB. Ela tinha o próprio negócio e Sérgio, então, desejava iniciar o seu. “Com a mudança da Central de Aulas para cá, alguns proprietários desistiram de continuar, inclusive a dona da cantina que ficava no CEDUC 1, no Catolé na época”, relata. “Fizemos um acordo e eu adquiri esse ponto”, relembra, embora não se recorde mais do nome da antiga proprietária, que já faleceu. Diante disso, ele tomou a frente do local e começou seu empreendimento

com a ajuda de sua esposa e filhos, onde permanece até os dias de hoje. “Logo que cheguei, trabalhei junto com a minha mãe durante bastante tempo. Foi um negócio de família, uma chance de investir que foi muito bem recebida, e estamos aqui até hoje, apesar das dificuldades que apareceram”, destaca.

No entanto, o caminho dos negócios definitivamente não é linear, e com os desafios enfrentados pela baixa renda atribuída pelo trabalho nas lanchonetes da sua família na universidade, Sérgio destaca que não desperdiça a oportunidade de fazer uma renda extra quando esta aparece. “Sempre que alguém me chama, eu vou”, afirma com diversão. Multifacetado, ele não se limita apenas à cantina e aos trabalhos extras, relata também que atua na área política, prestando assessoria parlamentar para um vereador da cidade; e, paralelamente, ainda trabalha em aplicativo, mostrando a versatilidade para se manter ativo financeiramente. Apesar das diferentes formas

formas de fazer a própria renda, ele ressalta que o trabalho não é tudo. Para Sérgio, sua família e os momentos de lazer são mais que prioridades. A

família possui um lugar afetivo constante e ele revela, escancaradamente, a importância desse apoio indispensável. “Quando voltei do Rio, minha esposa e meus dois filhos vieram comigo. Nasci aqui, mas fui para o Rio muito pequeno e só retornei após 38 anos. Minha esposa e meus filhos são cariocas, mas a família está toda unida por aqui”, conta. Entre os momentos que desfruta longe das atividades e em família, Sérgio também relata com simplicidade seu gosto por bons filmes e documentários, também enfatizando seu apreço pela leitura “quando a vista permite”, relata com bom humor.

Para além dos momentos felizes, Seu Sérgio também menciona as dificuldades que sua família vêm sofrendo com os negócios, com o aumento dos insumos e principalmente depois do episódio fatal à UEPB.



“O desafio maior é lidar com o dinheiro e manter o negócio, com tantos custos subindo e o retorno diminuindo”



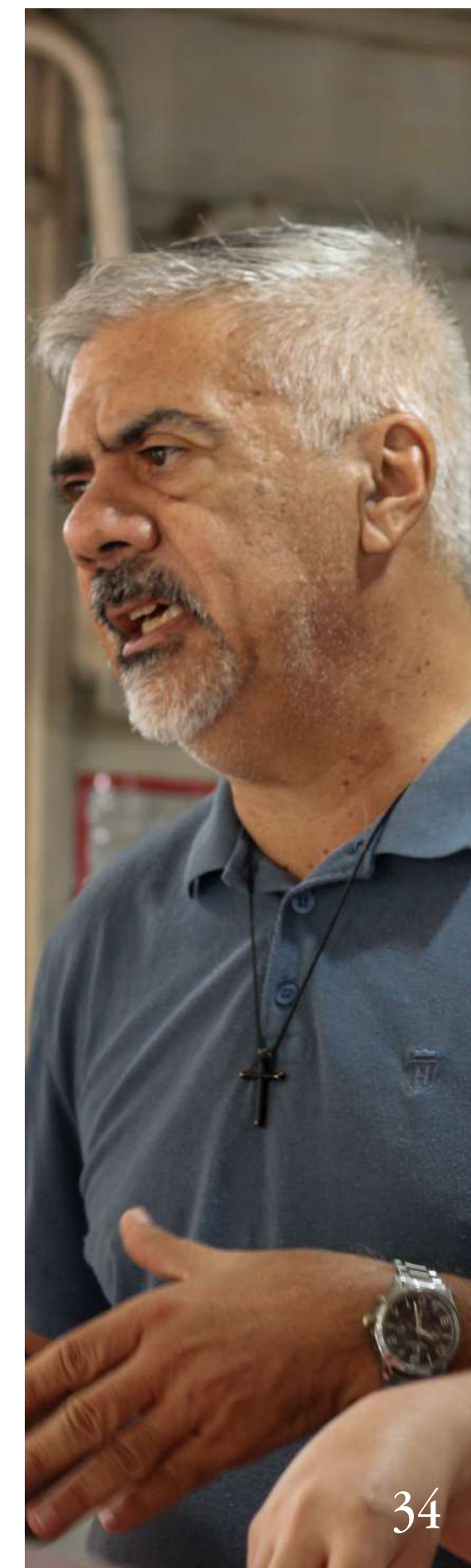
A fatalidade aconteceu no dia 23 de Abril de 2025 e deixou comerciantes e estudantes aflitos, o apoio de sua família foi indispensável nesse momento, principalmente o de sua esposa, Elza. Sérgio relata que ainda havia sombras do assalto que ocorreu em 2019 entre os corredores. Inesperadamente, algumas medidas tiveram que ser tomadas pela reitoria da Universidade neste ano de 2025, para tentarem manter a segurança do público local, providências essas que não foram muito favoráveis aos comerciantes que ficam na parte de dentro da instituição, que é o caso de “Seu Sérgio”, causando uma queda drástica no movimento estudantil. “O desafio maior é lidar com o dinheiro e manter o negócio, com tantos custos subindo e o retorno diminuindo”, ele conta. Além disso, outra dificuldade sentida por Sérgio é com relação a concorrência, enfatizada através da permissão para comércios externos, como os que estão em frente ao prédio do CEDUC. Ele aponta como essa situação trouxe uma certa sobrecarga e desgaste em seus negócios. Isso porque com a proibição da entrada de estudantes da parte traseira da instituição, após o crime violento, os alunos foram diretamente impulsionados a se deslocarem pela frente, o que possibilitou uma movimentação maior de estudantes

o que possibilitou uma movimentação maior de estudantes para as barracas externas da faculdade, diminuindo assim o fluxo em outros estabelecimentos, como o dele. Para além das questões de ótica pessoal ou burocráticas, Sérgio revela que no ano passado, se deparou com mais um impasse em sua vida. Foi em meados de 26 de janeiro, que ele comenta ter sentido um desconforto no peito. A dor intensa e persistente, o levou a procurar atendimento no Hospital de Emergência e Trauma. Após uma série de exames, foi apenas no terceiro que os médicos identificaram alterações preocupantes: três das principais artérias do seu coração estavam comprometidas — uma completamente obstruída e duas parcialmente.

Diante da gravidade do quadro, Sérgio foi internado e permaneceu uma semana sob cuidados hospitalares antes de ser transferido para o Hospital João XXIII - em Campina Grande. Logo após, no dia 8 de julho de 2024, ele passou por uma cirurgia de revascularização, ou ponte de safena.

O procedimento durou cerca de seis horas e foi considerado um sucesso. Uma semana após a cirurgia, Sérgio recebeu alta e iniciou o processo de recuperação. Sérgio, ao relatar suas experiências, reflete com um sentimento de fêter recebido mais uma chan-

ce do Criador, sendo grato pela nova oportunidade de prosseguir tanto com a família, quanto com o trabalho.



Longa e sinuosa estrada: a história de João Luiz Barbosa

Dono da Kelly Bomboniere, João trabalha na universidade há vinte anos e hoje desfruta da paz em sua vida

Por Francisco Vinícius, Márcio Júnior e Paulo Sérgio

Essa é a história de vida realizadora de João Luiz Barbosa. Mais conhecido como Seu João por seus clientes assíduos, compostos por estudantes e professores que tanto o apreciam por seu jeito carismático e acolhedor. Mas quem vê o seu semblante feliz não imagina a sua dura jornada até aqui. Lidando com a fome desde seu nascimento, vindo de uma família pobre de 10 filhos e morando no sítio Cardoso na zona rural de Campina Grande, viveu uma infância marcada pelo trabalho duro e instabilidade financeira.

“Vocês sabem o que é fuma, loca, caverna? Fuma é o seguinte: fuma é uma pedra muito grande e tem aquele oco por dentro. Tem muita pedra alta, e tem aquele vazio por dentro, tipo uma caverna, igual uma caverna. Então, a gente morou dois anos dentro de uma fuma, embaixo das pedras. De noite, a gente pegava umas folhinhas de mato verde, forrava e dormia ali. Não tinha rancho, não tinha nada.”

Sem a oportunidade de estudar, a vida de trabalhador de Seu João iniciou cedo - assim que seu pai encontrou um emprego como gari

na prefeitura de Campina Grande e teve a oportunidade de levar sua família para morar junto consigo. Com 9 anos de idade, ele buscou trabalho em casas, indo para a feira central depois de conseguir juntar quantidade suficiente de dinheiro. “Eu ganhei dinheiro, um trocadinho e comprei um balaio. [...] fui para a feira. Não era na carroça, era num balaio na cabeça. Aí meu irmão também foi para a feira. Então, foram mais ou menos três irmãos para pegar a feira, para ajudar a despesa em casa. Aquela coisinha pouca demais...” Depois de um tempo, conseguiu um emprego como ajudante de sapateiro. Usou o pouco dinheiro que um ano de trabalho lhe rendeu e resolveu ir atrás de melhores oportunidades em Natal, Rio Grande do Norte. Sozinho, apenas com a passagem. Chegando lá, com a cara e a coragem, alugou um pequeno quarto com a promessa de pagá-lo após conseguir emprego no dia seguinte. Passou semanas à procura, porém, por ter apenas 13 anos de idade, não conseguiu encontrar, e continuou adiando a promessa do aluguel. Enfrentou a fome mais uma vez.



Não aguentando mais a vida árdua no Rio Grande do Norte, Seu João decidiu que iria voltar para Campina Grande. Usou da esmola que conseguiu na frente de uma padaria em Natal para sair na ‘calada’ da noite, deixando a chave e o aluguel para trás. Em Campina, João voltou ao seu antigo emprego, mas ainda sentia a mesma insatisfação com a sua vida: muito trabalho, pouca remuneração.

No final da década de 60, com seus 14 anos, decidiu

então tentar a sorte novamente, dessa vez escolhendo outro destino no país: a metrópole de São Paulo. João não possuía idade suficiente e nem tinha um registro de nascimento para viajar para fora do Nordeste. A partir disso, seu pai registrou sua identidade e alterou o ano de nascimento, diminuindo 3 anos, detalhe que o permitiu viajar. Até hoje, sua identidade consta com os anos adicionais. Chegando na rodoviária do Glicério, em São Paulo, João foi

“Bicho, eu passei uma fome de rinchar. Eu me sentava de noite na cama. A cama ficava rodando. Aí meu vizinho era o Sr. Vicente. Ele me deu uma rapadura. Eu comi a metade, tomei água... Me lasquei. Aí a tontura girou mais ainda. Bateu o açúcar, né? Tá em jejum ali, muitos dias sem comer.”

à procura de um antigo amigo seu, que anos antes lhe encontrou em Campina e deu seu endereço em São Paulo, para caso algum dia João viajassem até à cidade. Perdido num ambiente completamente desconhecido, pediu informações em cada etapa do trajeto - a motoristas, vigias, policiais e moradores - já que não sabia ler nem interpretar os números das sinalizações.

Quando já havia desistido da procura, decidiu parar num pequeno bar para se proteger da chuva e por pura coincidência, ao falar com as 3 pessoas que estavam

lá, descobriu que era justamente aquela rua que seu amigo havia lhe contado tantos anos antes. “Tinha uns três caras bebendo, tomando umas pinga lá. Aí eu pensei ‘vou perguntar a esses carinhas aí se eles conhecem a rua.’ Um me disse: ‘Cara tu tens sorte, essa rua é essa aqui’. Pra você ver, Deus ajuda e abençoa o cara, né?”

Quando chegou ao local, coincidentemente, encontrou o seu amigo na hora em que ele saía de casa. O amigo o ofereceu a estadia simples, com um papelão de forro e sem comida, dizendo que iria tomar providências.

Revista Retratos

Após finalmente o alimentar, arrumou um emprego para João numa fábrica de calçados, onde ele permaneceu por cerca de 6 meses.

Mesmo pulando de emprego em emprego, João não conseguia achar um que o mantivesse financeiramente estável. Chegou até a fazer uma visita rápida a um dos irmãos no Rio de Janeiro, que não lhe rendeu bons frutos e o levou de volta a São Paulo.

Ainda que a 2 mil km de distância, João buscou manter contato com a sua família. Enviava cartas, inicialmente escritas por outras pessoas por não ser alfabetizado - problema que foi resolvido meses depois, após ele concluir um curso preparatório- junto com quantias separadas do pouco dinheiro que ganhava. As dificuldades permeavam todas as facetas de sua vida. Seu pequeno círculo social o levou ao alcoolismo e à uma vida hedonista. Enquanto um de seus amigos o ofereceu a criminalidade - prontamente recusada por João -, a mãe de outro amigo o levou para a igreja evangélica.

Inicialmente resistente, com vergonha dos caminhos que seguiu, acabou aderindo à fé protestante, na qual é parte até hoje. Lá, conheceu sua primeira namorada. Fora dos vícios, conseguiu o primeiro emprego que lhe deu uma renda decente. Decidiu então fazer uma visita aos seus pais em Campina Grande, já na casa dos 30 anos. Vendo que a vida estava bem melhor em Campina, e com o apego emocional pela cidade, pediu demissão do emprego fabril em São



“Hoje eu tenho meu carrinho, negócio que eu mais tinha vontade na minha vida. Tenho minha casa, tenho meu comerciozinho aqui. Não é essas coisas não, mas dá para arrumar o dinheiro da despesa, dá para pagar as contas.”

3ª Edição - 2025

Paulo, terminou com a namorada e retornou de vez à Paraíba..

Em Campina, a vida continuou melhorando para João. Conseguiu emprego mais uma vez em uma fábrica de sapatos. E um dia, no Parque do Povo, achou uma mala de dinheiro perdida com seu irmão, que usou para comprar duas máquinas de costura e fazer seu próprio negócio. Logo após, João conheceu sua futura esposa e junto com ela teve dois filhos, Kellyson e Kellyane. A partir disso, começou a concretizar o seu sonho de montar uma família, conseguindo comprar sua casa própria com o dinheiro arrecadado na venda dos seus pertences pessoais.

A partir daí, outro irmão seu, que trabalhava na UEPB, o ofereceu o ponto de comércio recém-concedido no biotério (local onde animais são mantidos para estudo universitário), já que o mesmo não poderia ter o empreendimento por estar sendo efetivado como funcionário. Seu João usou parte do dinheiro das vendas para reformar o local e firmar a sua lojinha “Kelly Bomboniere”, em homenagem à sua filha. O ponto comercial permanece na faculdade até hoje, completando 19 anos este ano. João, mesmo aposentado, continua trabalhando e mantendo uma relação carinhosa com seus clientes: os estudantes da instituição. E assim, após batalhar incessantemente com as desventuras da vida, João diz que atualmente, com 72 anos, vive o melhor momento da sua vida. Aposentado, trabalhando e, o mais importante, feliz.

Expediente

Coordenação

Jurani Clementino

Diagramação

Lucas Vasconcelos

Alice Faustino

Ingrid Ferreira

Editoria

Ana Flávia Soares

Ana Flávia Farias

Kauanny Lima

Hellen Mayara

Victória Custódio

Joelson Araújo

Giovana Torres

Evelyn Gomes

Maycon Santos

Natanael Alves

Fotografia

Marianne Antão

Maria Clara Santos

Manuel Duarte

Evelyn Gomes

Nilo Barreto



